

O CINEMA E A DIDÁTICA DA ARQUITETURA: O SHOW DE TRUMAN E O NEW URBANISM

Luiz Felipe Leão Maia Brandão

Arquiteto e Urbanista pela Universidade Federal de Alagoas

A adoção de novas ferramentas didáticas no processo de ensino da Arquitetura, capazes de suprir as limitações quanto à apreensão do espaço dos esquemas bidimensionais e tridimensionais habitualmente utilizados, pode facilitar a aprendizagem dos estudantes de maneira significativa. Dentro desse contexto, o cinema pode ser importante para resolver os problemas colocados pela quarta dimensão, o tempo, na representação espacial (ZEVI, 1984).

Entretanto, mesmo havendo diversos trabalhos escritos sobre Cinema e sobre Arquitetura, há muito poucos realizados a respeito das relações entre ambos (CASTELLO, 2003). Este trabalho tem como objetivo investigar os aspectos que tangem o Cinema e a Arquitetura e o Urbanismo, sob uma perspectiva pedagógica, utilizando o filme *O Show de Truman* *O Show da Vida* (EUA, 1998) como estudo de caso.

O ensaio aqui apresentado faz parte do Trabalho Final de Graduação: "O Cinema e a didática da arquitetura Guia de obras cinematográficas com conteúdo crítico sobre a arquitetura e o urbanismo do século XX", apresentado no ano de 2008 na Universidade Federal de Alagoas.

Análise do filme

1. Uma breve descrição de *Seaheaven* através de um dia na vida do seu mais ilustre habitante.

Após acordar e permanecer alguns minutos em frente ao espelho, encenando sua aventura intergaláctica particular, ele ouve de sua mulher que está atrasado para o trabalho. Logo, vemos-lhe saindo de sua singela casa de número 36. Este é o dia número 10.909 na vida de Truman Burbank.

Assistimo-lo cumprimentando seu vizinho, brincando com o cão do carteiro... A cada movimento, somos gradativamente apresentados ao seu mundo. O gramado de sua casa é de um verde indefectível. Seu jardim, como um todo, parece ser tratado de forma meticulosa: plantas bem podadas e uma cerca branca, de função meramente decorativa (na localidade onde Truman vive, a violência não constitui um problema). Sua casa é toda em madeira, pintada em tons claros e com telhado em duas águas, assemelhando-se a locação de uma pintura de Norman Rockwell.

De repente, a partir da inesperada queda de um objeto vindo do céu, contemplamos - a partir de um breve take - o entorno do lar de Truman. Ele possui um traçado regulador, onde casas em tons pastéis e de telhados

sempre brancos estão dispostas em quarteirões de tamanhos iguais. É possível observar, também, uma grande quantidade de área verde, não apenas nos jardins das residências, mas em quadras inteiras destinadas a parques arborizados (ver Figura 01).

Truman se espanta com o artefato inusitado que acaba de se espatifar em frente à sua residência, mas como já foi lhe dito por sua esposa, ele está atrasado; não tem tempo para refletir a respeito.

Assim, ele segue dirigindo seu carro rumo ao trabalho. Ao longo do percurso, somos apresentados ao centro da cidade de *Seaheaven*, onde vive. Nele, há um grande espaço central gramado, de formato geométrico. Em cada vértice deste há pequenos quiosques, onde funcionam estabelecimentos de comércio, como bancas de revistas e lojas de doces. Nas ruas em piso inter-travado vermelho, pedestres, ciclistas e automóveis compartilham as vias de forma tranqüila, dando a sensação de que tal harmonia existiria mesmo que não houvesse semáforos ou placas de trânsito. Ao redor da praça, estão edifícios e pontos de comércio e serviços maiores, sempre dispostos de forma integrada e precisa dentro do conjunto que rodeia o espaço central.

Truman desce do carro e inicia seu percurso a pé (não o vemos estacionar, provavelmente porque o tempo perdido no centro de *Seaheaven* com isto é ínfimo), caminhando sobre a área destinada apenas aos pedestres, feita em piso inter-travado cinza. Os jardins estão em toda parte.

Logo em seguida, o personagem adentra ao prédio de escritórios onde trabalha. Poucos minutos depois de se sentar em sua mesa, Truman é abordado pelo chefe, que vem lhe mostrar a manchete de primeira página do *The Island Times*, onde se anuncia em letras garrafais: "O melhor lugar da Terra", com uma foto de *Seaheaven* logo abaixo.

2. O Show da Vida

Truman não sabe de algo: sua vida é o maior show de televisão do planeta. Não apenas sua casa, mas também toda sua cidade se trata, na verdade, de um grande cenário. Seus pais, sua mulher, seu melhor amigo e todos os desconhecidos com quem ele cruza na rua dia após dia são atores. Truman foi "adotado" por um estúdio de televisão ao nascer e sua vida inteira foi transmitida, via-satélite, em tempo real.

No filme de Peter Weir, o protagonista é um personagem, o qual, em meio a toda a encenação que o cerca, mantém sua inocência intacta; contrapondo-se aos reality shows e à proliferação do simulacro no mundo contemporâneo.



Foto 1 - Imagem de satélite da cidade de Seaside, no litoral da Flórida (Fonte: Google Earth).

O jogo de palavras com o nome do personagem já é indicativo de que se está à frente de uma ambigüidade: *true-man*, que seria 'um homem autêntico', tem por sobrenome de família *Burbank*, o nome daquela mesma área onde está o estúdio onde foi filmado *Blade Runner* em Los Angeles.

(CASTELLO, 2002)

3. Seaheaven é Seaside: O Show de Truman e o New Urbanism

Mas nada é mais paradoxal em *O Show de Truman - O Show da Vida* (EUA, 1998) do que o seguinte fato: a Seaheaven do filme um enorme cenário televisivo é uma cidade real chamada Seaside, localizada no litoral da Flórida (ver Foto 1).

Projetada nos anos 80 por Andrés Duant e Elizabeth Plater-Zyberk, dois arquitetos de Miami, a cidade de Seaside tornou-se o símbolo do new urbanism norte americano.

O new urbanism surgiu nos Estados Unidos

como uma alternativa aos postulados modernos, já tidos como ultrapassados desde o final dos anos 70. O escritor americano Tom Wolfe, em seu livro "Da Bauhaus ao nosso caos", lançado em 1977, criticou de forma incisiva a arquitetura e o urbanismo modernistas. A censura estava centrada principalmente em três dos grandes ícones do movimento: Courbusier, Gropius e Van der Rohe. Em sua obra, Wolfe usou um tom ácido para ironizar as "caixas de vidro" propostas pelos arquitetos europeus, como no trecho:

Toda casa de verão de 900 mil dólares construída nas matas de Michigam ou nas praias de Long Island tem tantos gradis tubulares, rampas, escadas circulares em metal fresado, painéis industriais de vidro plano, baterias de lâmpadas de tungstênio-halógeno e cilindros brancos, que mais parece uma refinaria de inseticida.

(WOLFE, 1977, p.26)

"Da Bauhaus ao nosso caos" também decreta dia e local para a "morte" do modernismo: 12 de julho de 1972 em Saint Louis, EUA dia de demolição do conjunto habitacional Pruitt Iggoe, de autoria do arquiteto Minoru Yamazaki. O conjunto, elaborado a partir dos parâmetros de ordem e funcionalidade dos postulados modernos, acabou tornando-se um espaço conhecido pelo intenso tráfico e consumo de drogas e prostituição. Tãmanha era a gravidade dos problemas nele existentes que a única solução encontrada foi a sua destruição.

Dentro desse contexto, ao longo dos anos de 1980 e, sobretudo, a partir da década de 1990, o new urbanism consolidou-se como uma das novas alternativas ao modernismo, designando princípios e incorporando metas inerentes às agendas de movimentos diversos; a exemplo da proteção



Figura 3 - Fotograma de *O Show de Truman*. Área central de Seaheaven/Seaside.

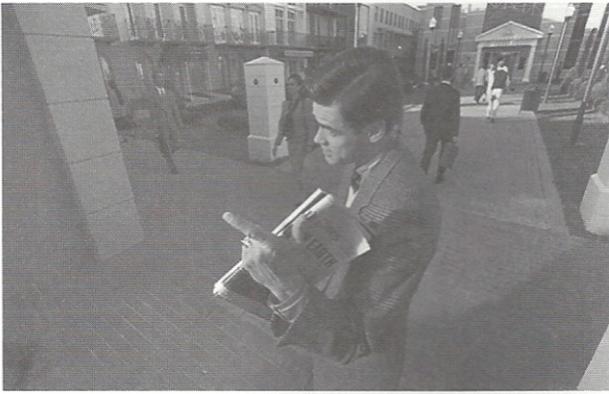


Figura 2 - Fotograma de O Show de Truman. Largas calçadas de Seaside.

ambiental, do desenvolvimento sustentável, da preservação histórica, do planejamento de tráfego para pedestres e ciclistas, bem como de novas propostas de habitação (BOHL, 2000).

Enquanto movimento, ele se instituiu, de fato, a partir de 1992 com o 1st Congress for the New Urbanism (CNU), realizado na Flórida. Comparado em termos de relevância por historiadores americanos, a exemplo de Kats (1994), aos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM's) realizados na década de 1920, o CNU firmou as bases de uma concepção projetual que advoga pela adoção de estratégias de projeto baseadas em formas urbanas "tradicionais" (identificando assentamentos anteriores à II Guerra Mundial considerados ideais, a fim de emulá-los), com o objetivo de auxiliar no crescimento adequado de zonas suburbanas e na requalificação de áreas centrais degradadas.

Com isto, um mergulho quase irrefletido nas utopias do passado é prontamente arriscado pelos urbanistas do presente: a grosso modo, a corrente busca no urbanismo da primeira metade do século 20 sua inspiração para a cidade do início do século 21. Ou seja, tenta repetir muitos anos depois os mesmos moldes daquilo que os moradores mais antigos consagraram como sendo de qualidade no ambiente urbano (CASTELLO, 2002, p. 3).

Para tal, o new urbanism propõe a organização de vizinhanças de forma compacta, com usos mistos, vias orientadas para os fluxos de pedestres e ciclistas e de trânsito ameno (KATS, 1994).

Como vemos ao longo das cenas iniciais de O Show de Truman, o new urbanism também se preocupa com a existência de uma unidade estética no espaço: todas as casas de Seaside têm uma similaridade quanto à utilização de materiais, cores e partidos. As áreas residenciais estão a uma distância de 5 a 10 minutos a pé do centro da cidade e as ruas são projetadas com largas calçadas (ver Figura 2), tanto que a mulher de Truman vai para o trabalho de bicicleta diariamente. O centro atua como um ponto focal (no caso de Seaside, o espaço geométrico descrito anteriormente desempenha esse papel), com edifícios de gabarito médio locados de forma compacta, delimitando e valorizando o espaço central da cidade (ver Figura 3).

No filme, somos apresentados a uma tipologia de urbanismo promotora de uma série de rupturas, não apenas com os postulados modernos, mas com toda a forma contemporânea de se viver nas grandes

idades. A partir desse ponto, os críticos do new urbanism tentam demonstrar que a implantação de modelos repletos de especificidades, como o visto na obra, exige a locação desses assentamentos em áreas isoladas, de forma física e/ou social, do contexto da cidade como um todo, gerando os chamados enclaves.

Autores como Caldeira (2000), criticam este modelo de ocupação por sua tendência sectária, pela busca de uma homogeneidade social, e pela falta de senso de comunidade a qual esta forma de vizinhança acaba inculcando em seus habitantes.

Os enclaves são literais na sua criação de separação. São claramente demarcados por todos os tipos de barreiras físicas e artifícios de distanciamento e sua presença no espaço da cidade é uma evidente afirmação de diferenciação social. Eles oferecem uma nova maneira de estabelecer fronteiras entre grupos sociais, criando novas hierarquias entre eles e, portanto, organizando explicitamente as diferenças como desigualdade (CALDEIRA, 2000, p. 259).

O isolamento do mundo de Truman, fechado pelas paredes de um estúdio, pode servir como uma metáfora para o isolamento dos condomínios fechados urbanos, onde os moradores associam a idéia de se isolar em muros do restante da cidade ao sentimento de "liberdade". Truman está num lugar onde tudo aquilo por ele vivenciado é simulacro de uma realidade idealizada por Christof, o diretor do show.

Quando criticado em relação à falta de ética existente na vivência artificial imposta à estrela de seu programa, Christof responde: "Dei a Truman a chance de viver uma vida normal. O mundo, o lugar onde você vive, é onde é doentio. Seaheaven é o modelo de mundo. Acho que o que realmente a perturba [Nota: Christof se refere à autora da pergunta] é que Truman prefere sua cela". Desse modo, Truman, segundo seu próprio "criador", é um "personagem verdadeiro" ligado à Seaheaven, uma "cidade cenário".

Para muitos, enclaves (idades como Seaside/Seaheaven), através de sua negação da vida dentro de uma sociedade variada e multifacetada, são arremedos que dão lugar ao "nascimento de uma cidadania fragmentada ou, sem exagero, a um simulacro da condição de cidadania" (GOMES, 2001, p. 187). Assim, Truman habita um espaço que não é cidade. Ou melhor, pensa viver em uma cidade, mas não é cidadão.

4. Resultados

Como visto, o Show de Truman O Show da Vida pode ser utilizado para ilustrar conteúdos de disciplinas relativas à história da arquitetura e urbanismo modernos e pós-modernos, como História da Arte, Arquitetura e Cidade 3 e Teoria e Estética da Arquitetura e do Urbanismo 2. Associado a filmes como Koyaanisqatsi (que demonstra, em uma de suas cenas, a demolição do Pruitt Igoe), a obra pode ser uma referência visual para as diversas formas de ruptura com os postulados modernos ocorridas na arquitetura e no urbanismo ao longo dos anos 1980 e 1990.

As tipologias observadas no filme também podem constituir marcos referenciais para discussões em disciplinas de Projeto de Urbanismo a respeito do papel das novas tipologias urbanas e da ação dos

enclaves como agentes transformadores do espaço da cidade, através de seu caráter sectário e homogeneizador.

Outro ponto passível de abordagem é a tendência à padronização das tipologias existentes nos empreendimentos imobiliários americanos voltados à classe média, ao contrário do que ocorre no Brasil, onde os moradores de mesma faixa sócio-econômica "fazem incríveis esforços para transformar suas casas e dar-lhes o que chamam de 'personalidade', isto é, uma aparência individualizada" (CALDEIRA, 200, p.:262).



Figura 4 - Fotograma de O Show de Truman. Ao se chocar com o fim do estúdio (Seaheaven) no qual habitou durante toda sua vida, Truman tem que decidir se continuará no show ou se irá de encontro ao mundo real.

Notas:

1 - Norman Rockwell foi um pintor americano bastante popular no início do século XX, principalmente por seu trabalho de ilustração de capas para a revista *The Saturday Evening Post* e das cenas, sempre idílicas, que retratavam a vida interiorana nos Estados Unidos da América.

2 - Um cena interessante do filme ilustra essa tendência: todos os dias, no percurso a pé para o trabalho, Truman é abordado por dois irmãos gêmeos que cumprimentam-no efusivamente. A abordagem é, na verdade, um pretexto para empurrar Truman para perto de um cartaz do patrocinador do programa, de modo que a câmera possa focá-lo junto ao anúncio. Numa dessas oportunidades, é possível observar o anúncio de venda de casas pré-fabricadas idênticas às de Seaside.

3 - Em uma cena do filme, Truman se depara com um mendigo interpretado por um ator que havia sido seu pai durante a infância e havia "morrido" afogado. Ao reconhecê-lo, Truman é impedido de estabelecer um diálogo por uma série de contra-regras/figurantes que o levam embora subitamente. Ao contar o ocorrido para sua "mãe", Truman ouve como resposta: " Já era hora de limpar o centro da cidade antes de ficarmos iguais ao resto do país". Tal comentário demonstra, na busca de um argumento plausível para o ocorrido por parte da personagem, os valores dos habitantes de Seaheaven enquanto ocupantes de um espaço socialmente homogêneo. No dia seguinte, Truman lê na manchete de primeira página do *Island Times*: "Chega de indigentes polícia põe um basta na situação".

4 - Segundo Aristóteles, no terceiro livro da obra *Política*, a cidadania só se exerce de forma plena através do ato de reconhecimento e convívio com a diferença.

Referências bibliográficas:

BENÉVOLO, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BOHL, Charles C. *New Urbanism and the City: Potential Applications and Implications for Distressed Inner-City Neighborhoods*. North Carolina: Housing policy Debate, 2000.

CALDEIRA, Teresa P. do Rio. *Cidade de Muros crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São paulo: Editora 34, 2000.

CASTELLO, Lineu. *Meu Tio Era Um Blade Runner*. Publicado na página virtual [www.vitruvius.com.br], capturado em 30 de maio de 2005.

CAÚLA, Adriana. A cidade utópica no cinema: a invenção de outros lugares. In: *Revista de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia* Nº. 10, org. Ana Fernandes e Paola Berenstein Jacques. Salvador: NAPE, 2006.

COSTA et al. *Orientações Metodológicas para Produção de trabalhos Acadêmicos*. Maceió: EDUFAL, 1999.

KATS, Peter. *The New Urbanism: Toward na Architecture of Community*. New York: McGraw-Hill, 1994.

SOUZA, Marcelo Lopes de & RODRIGUES, Glauco Bruce. *Planejamento Urbano e Ativismos Sociais*. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

ZEVI, Bruno. *Saber Ver a Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.